

Memórias do PPC: Entre letras, desenhos e escritas

Walker Douglas Pincerati¹

Resumo

Neste texto apresento memórias de minha passagem pelo curso de Política e Produção Cultural da UNIPAMPA Campus Jaguarão, de 2018 a 2020. Num primeiro momento, contextualizo minha inserção no curso; no segundo momento, narro os trabalhos significativos realizados com um rapper, com uma desenhista e com um fotógrafo; e fecho o texto, no terceiro momento, sugerindo a introdução de mais arte no curso. As memórias servem à reflexão desde uma posição de fora sobre a especificidade, as potências e os avanços possíveis no curso.

Palavras-Chave: PPC; Racismo; Hip Hop; História em Quadrinhos; Ocupação.

1.

É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende.

Paulo Freire, 1993 [2020].

Recebi no dia 24 de novembro de 2021 um e-mail, do professor dr. Alan Dutra de Melo, com um convite para contribuir com o dossiê que ele mais a professora dra. Sátira Pereira Machado ora organizam. Lia no corpo da mensagem que o dossiê se chamaria “Produção e Política Cultural no foco: 10 anos em curso na Unipampa”. Em sua ementa, lia-se que o propósito dele era o de refletir sobre “a formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões.” A organização, pode-se ler num anexo à mensagem, objetiva comemorar os 10 anos de criação do Curso de Bacharelado em *Produção e Política Cultural (PPC)* da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), ofertado no *campus* Jaguarão, na fronteira do Brasil com o Uruguai.

Imediatamente, respondi a mensagem ao professor Alan, dizendo que a li, agradecendo o obséquio, mas que, confessei, não acreditava que poderia contribuir porque não sou um profissional ou pensador da área. Ele replicou que minha passagem pelo curso foi significativa e que meu testemunho seria sim uma contribuição.

¹ Doutor em Linguística; Professor Adjunto do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Curitiba – DALE-UTFPR-CT; Curitiba, Paraná, Brasil; E-mail: pincerati@gmail.com

Fiquei refletindo muito... E pensei que a melhor maneira de fazer a minha contribuição seja sob a forma de *memórias*, utilizando-me do gênero textual que Paulo Freire mais apostou no fim de sua carreira: a *carta*. É um gênero mais informal. Isso não só no sentido de sua linguagem poder ser tanto polida quanto familiar, mas também no do manejo do endereçamento. Assim, posso ser mais livre e explicitar fatos e tempos.

Ora, hoje não sou mais professor do magistério superior na Unipampa Jaguarão, mas sim de outra instituição. Efetivamente, minha passagem por Jaguarão – de novembro de 2016 a março de 2021 – foi intensa e muito proveitosa, sobretudo por conta das profícuas relações estabelecidas precisamente com o curso de PPC.

Minhas memórias, assim, podem ser a melhor forma de fazer jus ao convite, deferindo-o, dando uma espécie de testemunho da potência das presenças, sabedorias e linguagens que ali se *encruzam*. Pois ali, os batuques desaguam ao cair da tarde, movimentando os limites de um mundo balizado em dicotomias. Ali, onde se faz o PPC, empenhos e atos de provocação são constantemente realizados para abrir caminhos possíveis à exploração de fronteiras, “aquelas que, embora tenham sido construídas *a priori* para cindir o mundo, nos revelam a trama complexa que o codifica”; lançando mãos das palavras de Rufino, na *Pedagogia das Encruzilhadas* (2019, p. 18).

2.

O que se versa nas potências de Exu é a esculhambação das lógicas dicotômicas para a reinvenção cruzada.

Luiz Rufino, 2019.

Por mais que protocolarmente tenha sido empossado na Unipampa para atuar como docente da Licenciatura em Letras-Português a Distância, oferta Institucional, eu não apenas ministrei unidades curriculares nesse curso. Provocado pela Coordenação do PPC à época, ministrei também unidades curriculares no PPC. Não muitas!! Basicamente, além de TCC II, devido a uma demanda de formação específica de uma orientação concluída, lecionei, durante o segundo semestre de 2019, Escrita Criativa I – com ênfase em HQ.

Contudo, julgo como sendo a mais importante e significativa inserção minha nesse curso a orientação de trabalhos de conclusão de curso. Na verdade, como o curso de Letras-EaD estava iniciando suas atividades, não tive tempo de ter orientandos nele, pois fui

redistribuído à UTFPR no chegar da primeira turma ao último ano. É curioso! No início de minha carreira como um Professor do Magistério Superior, oriento tão somente trabalhos de cunho artístico em Política e Produção Cultural. Outra *encruza* na minha vida! Isso porque aos discentes desse curso interessava mais meu lado artístico e polêmico do que o acadêmico-científico, mais conservador porque voltado à gramática.

Creio, também, que o fato de eu ter sido um dentre os 5 professores negros e negras do *campus* (2 negros e 3 negras) impulsionou para essa pronta inserção, nessa cidade banhada por Oxum. Bem como o fato de eu pesquisar racismo desde uma perspectiva que o considera como um desdobramento do discurso da guerra (ver FOUCAULT, 1975-76 [2020]; ver também MBEMBE, 2016), despertou as curiosidades pela tônica do meu discurso.

Bem nessa época, entre 2018 e 2019, desenvolvia, no meu projeto de pesquisa *Negar: a Libertação dos Escravos no campo dos discursos* (código SIPPEE 20171221171508; vigência: 01/03/2018 - 31/12/2021), uma visão diferente dessa pintura. Realizada por Pedro Américo entre 1888 e 1889, o quadro da *Libertação dos Escravos* parecia pintar a “redenção” da princesa, dona Isabel, e a “gradidão” de negros ou escravos por sua “libertação”:

Figura 1: Reprodução fotográfica da obra *Libertação dos Escravos* (1888-89)



Fonte: Branco (2016).

No entanto, estava desconfiado sobre a significação da presença de algumas triangulações; como a formada pela ligação entre as figuras do anjo negro caído, da alva cruz e da alada vitória. Ao mesmo tempo, realizava uma leitura de Foucault para estudar mais sobre a noção de racismo e sua história conceitual. Recorri, para tanto, a essa leitura porque iniciara o projeto. Portanto, precisava me munir de um arcabouço teórico a esse propósito; e

porque, outrossim, já estava familiarizado com a leitura do autor da célebre *História da loucura*. Em minha biblioteca, porém, constava a *Genealogía del racismo* (1996); título que adquiri em 2004, em Santa Fé, na Argentina, por ocasião de um intercâmbio acadêmico na Universidad Nacional del Litoral. O título ficou na estante como uma pedra de espera.

Ao lê-lo, minha maior surpresa foi notar que, na verdade, Foucault não estava fazendo uma genealogia do racismo, mas sim do poder enquanto relação de força, enquanto guerra. A tradução do título na edição argentina é, nesse sentido, no mínimo curiosa, sobretudo porque o título original do curso ministrado no Collège de France, precisamente em 1976, é *Il faut défendre la société: É preciso / Deve-se defender a sociedade*; traduzido na edição brasileira por: *Em defesa da sociedade*. O próprio Foucault fala, em resposta a questionamentos, no começo de mais ou menos duas ou três lições, que não quer fazer uma genealogia “do racismo”. É o que se lê no princípio da aula do dia 28 de janeiro de 1976:

[...] não foi em absoluto do discurso racista que eu quis fazer o elogio e a história, mas, antes, do discurso da guerra ou da luta das raças. Eu creio que convém reservar a expressão “racismo” ou “discurso racista” a algo que no fundo não passou de um episódio, particular e localizado, desse grande discurso da guerra ou da luta das raças. Para dizer a verdade, o discurso racista foi apenas um episódio, uma fase, a variação, a retomada em todo caso, no final do século XIX, do discurso da guerra das raças, uma retomada desse velho discurso, já secular naquele momento, em termos sociobiológicos, com finalidades essencialmente de conservadorismo social e, pelos menos em certo número de casos, de dominação colonial. Tendo dito isto para situar, a um só tempo, o vínculo e a diferença entre discurso racista e discurso da guerra das raças, era mesmo o elogio desse discurso da guerra das raças que eu queria fazer. O elogio, no sentido de que eu queria ter-lhes mostrado como, durante um tempo pelo menos – isto é, até o fim do século XIX, até o momento em que se converte num discurso racista – esse discurso da guerra das raças funcionou como uma contra-história. (FOUCAULT, [1976] 2019, p. 55; grifos meus).

Grosso modo, ‘contra-história’ no sentido de que se tratava da escrita de uma história não-romana – antirromana – pela reativação do *discurso da guerra*. A guerra, diz esse discurso, é o fundamento indelével da sociedade civil. Portanto, deve-se mostrar que os reis e historiadores mentem; que as conquistas se fizeram no sangue e fogo das batalhas, nos abusos e nas violências dos vencedores contra os vencidos. Uma escrita da história então que reativa na escrita da história a guerra como política. Por isso, Foucault situa a contra-história como *transcrição* do discurso das lutas entre as raças em *discurso revolucionário*. O *racismo* ou *discurso racista* ou *o racismo de Estado*, por sua vez, nasce mais tarde: no século XIX, por uma nova transcrição do discurso revolucionário que elimina a dimensão histórica da noção de ‘raça’ em prol de sua dimensão médico-biológica. Pode-se, então, nessa perspectiva, conceituar ‘discurso’ como um campo de dizeres e de contradizeres sempre de perspectiva,

onde acontecem debates, embates e abates. Campo no qual aquele que diz “eu” ou “nós” é um guerreiro que trabalha para uma vitória particular, “partidária”. No qual, a verdade sempre se manifesta a partir duma *posição de combate*. Eis a tese de Foucault (2019, p.15): o *poder* é a guerra, é a *guerra* continuada por outros meios; é a *política*.

Deveras afetado por tal leitura (hoje desdobradas, p.e., por Achile Mbembe que, com Franz Fanon, cunhou o termo ‘necropolítica’; ver MBEMBE, 2016; 2018), olhei desconfiado para a *Libertação* de Pedro Américo. Mais atentamente olhei para o triângulo supracitado, o formando pelo Anjo Negro Caído e morto + Vitória + Cruz, e vi a guerra sob o signo da paz (PINCERATI, 2020). Desde então, racismo e guerra passam a ser, para mim, indissociáveis, porque aquela noção está contida nessa. Ao dar-me conta disso, dou-me conta da presença de uma *constante*: a paz como filigrana da guerra. Na verdade, já a notava inconsciente e conscientemente nos quadrinhos, na literatura, no cinema e, mais atualmente, nas falas presidenciais. Passei destarte sempre a pautar a guerra.

Convém mencionar, antes de passar às orientações, que no decorrer de meus estudos e investigações, orientei de 01/05/2019 a 31/12/2019, um bolsista de iniciação científica (Edital PDA n° 69/2019 – Modalidade: PESQUISA, DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E INOVAÇÃO) oriundo do curso de PPC, Rodrigo de Souza Francisco. Seu trabalho consistiu em constituir um conjunto de metadados sobre os trabalhos publicados sobre a negação do racismo no Brasil. Descobrimos unanimidade em se afirmar que o brasileiro não se reconhece como racista, mas reconhece os outros como sendo racistas. Kabengele Munanga, antropólogo congolês radicado no Brasil, sintetiza essa ambiguidade com esta proposição: “Não somos racistas, os racistas são os outros!” (2017, p.38); proposição que fórmula não só o “mito da democracia racial”, como também *um silêncio* que o constitui como um “crime perfeito” (p.40). A lei denomina de ‘crime perfeito’ a operação em que a possibilidade do suspeito ter cometido o crime torna-se extremamente baixa, mesmo que o assassino sempre apareça na cena do crime. “Eu não sou racista porque o outro que é!” A proposição assim formulada exprime o ser racista sob a forma de não ser com projeção no outro do que o Eu não admite ser. Essa é a fórmula da negação do racismo no Brasil encontrada, na iniciação científica de Francisco, em trabalhos de linguistas, cientistas sociais, antropólogos, psicanalistas, psicólogos, estatísticos, dentre outros.

Ser um professor negro falando de guerra chamou a atenção do então discente do PPC, Igor Polatschek, que me procurou em 2019 para que eu o orientasse na escrita de seu trabalho de conclusão de curso.

Considero Igor é um *expert* em hip hop, porque ele tem nomes e fatos desse movimento na ponta-da-língua. Afinal, acompanha e participa do movimento há anos; se não me engano desde sua tenra adolescência. Durante sua graduação em Jaguarão, organizou com certa frequência batalhas de *rap* tanto no Brasil quanto no Uruguai, colocando em contato *rappers* uruguaios e brasileiros; fazendo, portanto, contato com regiões de Jaguarão que nós, docentes, não tínhamos condições de estabelecer. Ele me procurou porque desejava analisar temática e comparativamente as letras dos *rappers* brancos e dos *rappers* negros. Desejava explorá-las a partir dos conceitos de ‘apropriação cultural’ e de ‘lugar de fala’, desenvolvidos respectivamente por Rodney William e Djamila Ribeiro.

Isso porque, ele argumentava, em sua maioria, os *rappers* brancos ignoram a luta negra, ou mesmo a desvirtua com letras reprodutoras de preconceitos e/ou que só fazem apologia ao sexo e às drogas. Desejava, assim, construir uma crítica à branquitude, até porque é homem branco cis e heterossexual. Isso também porque estava compondo *raps* para um disco futuro, a se chamar *Colonizando a Brancolândia*. Objetivava, portanto, em seu TCC tecer uma sustentação teórica e analítica contra golpe à branquitude, cada vez mais presente no movimento hip hop.

Até então, eu era completamente ignorante desse universo. Então, aceitei o desafio de orientá-lo, alertando, contudo, sobre minhas limitações. Meu trabalho consistiu em guiá-lo numa discussão teórica que subsidiasse minimamente as análises das letras. E o conceito que julguei mais apropriado para isso foi o de ‘necropolítica’. Isso porque edificado para pensar a soberania imposta bélica e racialmente, a necropolítica impõe aos grupos humanos de determinadas zonas territoriais um permanente estado de exceção. Trata-se de produzir a política de industrialização da morte: ao invés de um *deixar viver*, nela trata-se de um *fazer e deixar morrer*.

Mbembe, como bem dissertou Igor, fala do que acontece na África do Sul e na Palestina. Contudo, como muito insiste Igor, suas elaborações servem também para se refletir sobre o Brasil, logo a política e produção cultural do hip hop no Brasil. De fato, sob um governo militarizado que promove o armamento “da população”, dos que *podem* compram armas, é legítimo se falar em necropolítica. E nos últimos dias, ela tem sido estampada em jornais no caso Moïse, no caso Durval, nas ações policiais nas favelas cariocas; não esquecendo-nos dos muitos e muitos outros casos praticados por “agentes da lei”.

No TCC, após apresentar e discutir o conceito de ‘necropolítica’, Igor traça uma história do hip hop nos Estados Unidos. Diz que nasceu entre 1971 e 1973 para tentar pôr fim aos conflitos mortais entre as gangues negras, as negras com as latinas e aquelas e a polícia.

Menciona nomes como Afrika Bambaataa, Snoop Dogg, The Game, dentre outros, para mostrar que os *rappers* e MC's norte-americanos paulatinamente conseguiram cultivar acordos de paz entre gangues negras rivais e entre elas e a polícia. Assevera, então, que em sua origem, o hip hop é essencialmente um movimento de luta contra as políticas de morte.

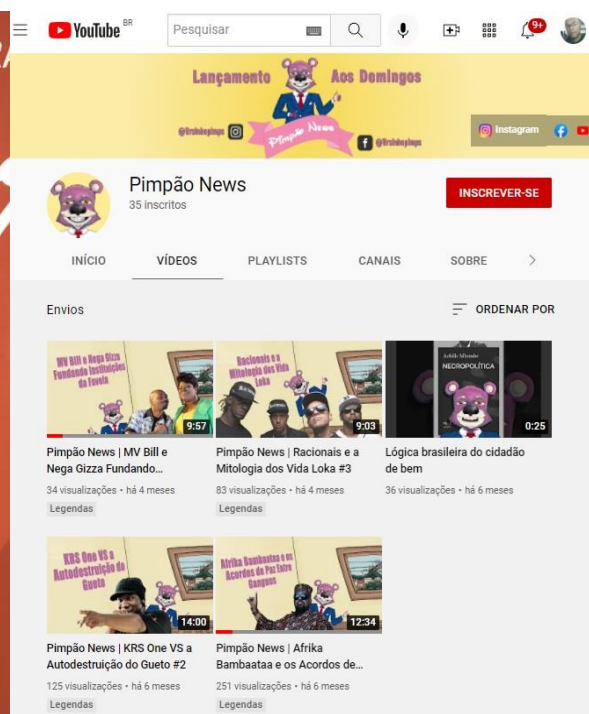
Depois, volta-se ao Brasil e se detém nas letras dos Racionais MC's e MV Bill. Conclui formulando a hipótese potente com a qual trabalha ainda hoje: a de que “o movimento Hip Hop tem tido como seu foco principal, desde seus primeiros anos através de suas lideranças mais proeminentes, o combate àquilo que Achile Mbembe definiu como necropolítica.” (POLATSCHEK, 2019, p.8.) O trabalho foi defendido em 11 de dezembro de 2019, com o título *Hip Hop versus Necropolítica*.

Figura 2: Reprodução do registro fotográfico do dia da formatura de Igor Polatschek, em janeiro de 2020



Fonte: Branco (2016)

Figura 3: Reprodução de *print* do Pimpão News



Fonte:

<https://www.youtube.com/channel/UCV1nWWrLOXRZVS7iFHIFpWA>

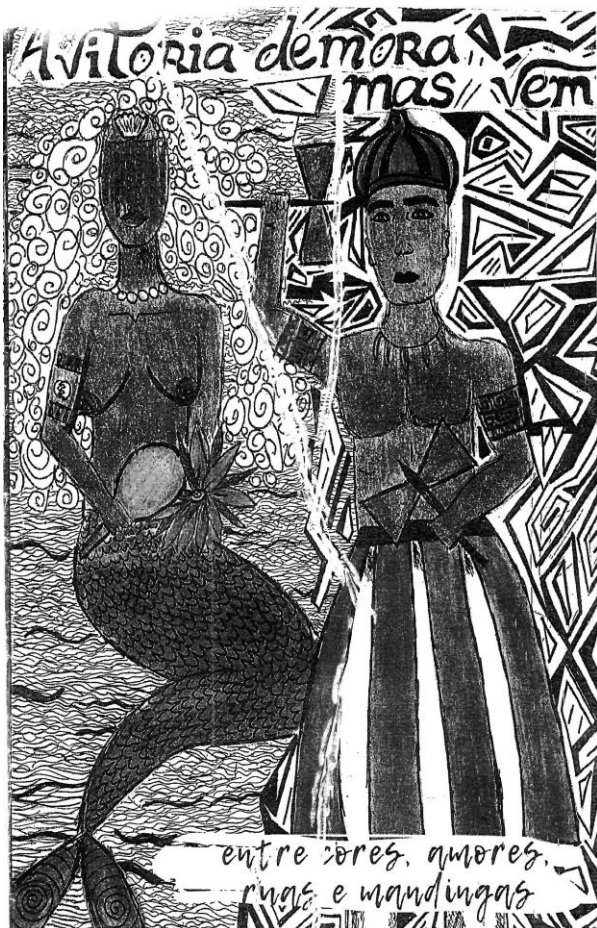
Atualmente, desenvolve o projeto *Pimpão News*, um canal no Youtube de análises e críticas, com recursos da Lei Aldir Blanc (Lei 14.017/20). O canal conta atualmente com 4 (quatro) episódios. E, segue trabalhando na produção seu disco.

Certo dia, em meados de 2019, a professora dra. Carla Daniela Rabelo Rodrigues, do PPC, me comunicou que uma discente, Karina Constantino Brisolla, pediu para trocar de

orientador. Ao invés de continuar com ela como sua orientadora, a discente queria trocar e disse que iria me procurar. Eu nem sabia direito quem era a guria. Vim a conhecê-la dias depois, quando começou uma profunda troca intelectual e amizade que dura até hoje.

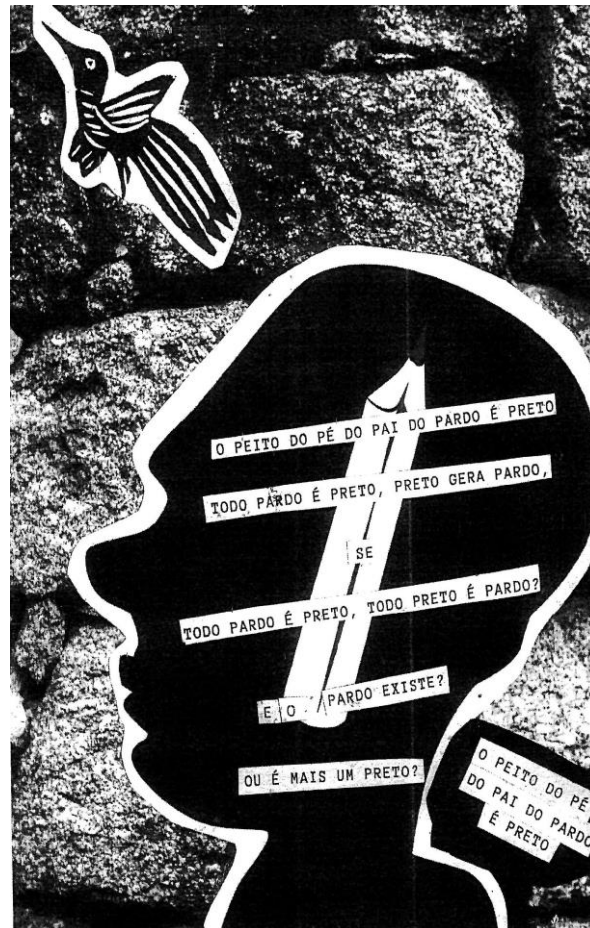
Karina me procurou numa tarde para uma reunião e logo de cara me deu um exemplar do livro *A vitória demora mas vem... entre cores, amores, ruas e mandingas* (2018), com poemas de Lucas da Silva e desenhos e colagens dela. Lembro-me que fiz questão de comprá-lo. Disse-me que desejava desenvolver como seu TCC algo parecido. Mais precisamente, almejava desenhar e escrever um itã, isto é, um relato relativo à cosmologia do candomblé e umbanda. A ideia era que a produção fosse utilizada pelas escolas para combater a intolerância às religiões brasileiras de matriz africana.

Figura 4: Reprodução da capa do livro *A vitória demora mas vem...*



Fonte: Silva & Brisolla (2018)

Figura 5: Reprodução da página 6 do livro *A vitória demora mas vem...*



Fonte: Silva & Brisolla (2018, p. 6)

Obviamente, questioneei a razão da minha escolha...

Ela respondeu que a decisão foi tomada conjuntamente com a Ìyálòrìsà Nice D'Xangô, sua mãe-de-santo. Contou, ainda, que pensou em mim porque fui o servidor do

campus que aceitou levar um grande grupo de estudantes e membros da comunidade externa, sobretudo do Grupo Cultural Abi Axé e Ilê Axé Mãe Nice D’Xangô, de Jaguarão/RS ao quilombo Madeira, situado na região rural do município. Elas, eles e elus precisavam de um servidor que os acompanhasse na saída do ônibus do *campus* ao quilombo. Ao escutar essa demanda, aceitei prontamente. Com isso, ela julgou que minha atitude era sinal de uma abertura e sensibilidade para com o seu tema, e me procurou.

Escutando seu projeto e suas razões, disse-lhe que a ideia era maravilhosa, urgente e necessária, e que me sentia muito lisonjeado com o convite. Após, pontuei que seria preciso discutir a legislação brasileira relativa à aplicabilidade da Lei 10.639/1996 e, depois, definir bem se o que desejava fazer era um livro ilustrado, como são os muitos destinados ao público infantil, ou se uma história em quadrinhos, que pode abarcar um público bem mais amplo. Recomendei a leitura de *O que é história em quadrinhos*, de Sonia Bibe-Luyten (1985), e do artigo de Flávia Meneguelli Ribeiro Setubal e Moema Lúcia Martins Rebouças, *Quadrinhos e educação: uma relação complexa* (2015), publicado na Revista Brasileira de História da Educação. Ela não conhecia nada sobre o tema e aceitou as dicas.

As leituras foram o pontapé para que se lançasse de vez e com ousadia no universo fantástico entre desenhos e escritas. Não só isso, passou a se interessar profundamente pela política, poética e ética na produção visual no campo da educação.

Isso porque a história das histórias em quadrinhos é uma história não só da produção de quadrinhos no mundo, mas também a da produção de mitos originários como produtos conformada à história de lutas políticas. Ou seja, é uma história que, se investigada muito atentamente, diz da emergência e conformação de um mercado robusto, homogeneizante e hegemônico servil aos propósitos da propaganda política; da dominação cultural; da educação de crianças, jovens e adultos; da circulação e promoção de artistas, essencialmente quadrinistas; e do ensino de língua e de artes na educação formal e informal.

Descobrimos em meio a várias leituras da literatura especializada sobre a história das histórias em quadrinhos a confirmação de uma intuição, que se tornou a hipótese forte de trabalho. Qual seja, a de que a quase inexistente política de promoção de quadrinistas deriva de uma força dupla. De um lado, concorre o preconceito e a campanha político-científica – empreendida por governos, universidades e médicos – contra os quadrinhos nas três primeiras décadas do século XX, que os taxou como coisa de criança, como literatura menor, como prejudicial porque causa preguiça mental. De outro lado, está em jogo a ambição de controle estadunidense da produção do discurso, sobretudo no pós-guerra. Com isso, traçou-se uma política de produção de quadrinhos e a homogeneização e imposição de um tipo de traço.

No Brasil, o único concorrente à altura foi Maurício de Souza, que até hoje é a única produção brasileira que é encontrada em qualquer banca de revistas ao lado da inundante produção norte-americana. Isso, mostrou Karina, desestimulou e desestimula muito ainda a formação de quadrinistas brasileiros e de um mercado brasileiro. E a escola é, apesar dos avanços legislativos, a primeira grande barreira aos quadrinhos brasileiros, cujas produções são ali muito inviabilizadas. Ainda hoje, mesmo com a introdução dos quadrinhos nas salas de aulas via PNBE, os que nelas entram são mormente adaptações de obras literárias internacionais e, poucas, nacionais. A produção de Alessandro Flores, André Macedo, Fábio Vermelho, Flávio Colin, Hugo Canuto, Jefferson Costa, João Ferreira, Jonas Fernando Martins Santos, Marcelo D'Saete, dentre vários outros, fica de fora. Note-se a ausência de mulheres!

O TCC de Karina, intitulado *O desenho do corpo, o corpo que desenha: traçando um devir entre os quadrinhos brasileiros e a educação*, foi defendido no final de 2020. Nele a história das histórias é recontada com o propósito de fundamentar sua hipótese: a de que o ambiente escolar é palco de uma guerrilha epistêmica que produz uma história única, “um discurso pálido que não comporta a subjetividade do espectro de cores presentes em nosso país.” (BRISOLA, 2020, p. 53). E evoca, para minha imensa satisfação, uma liderança indígena, Ailton Krenak (2019), para fechar o texto, de modo a riscar seu ponto, defendendo a necessidade de resistências, de mantermos acesas as chamas de nossas narrativas, construindo nossas próprias subjetividades, mantendo vivos os nossos saberes.

O processo de produção desse TCC não foi fácil. Porque ela, que já desenhava, passou a manifestar um grande medo de desenhar. Ao modo do retorno do recalcado, isto é, da volta de um material inconsciente, isso aconteceu porque ela se lembrou do quanto desenhava e lia quadrinhos na sua infância, e que de repente passou a ser criticada na escola e demandada por seus professores a parar com isso, porque era “coisa de criança”. Ela se viu e se sentiu afetada por toda essa grande empresa. Passou, então, a lutar conscientemente contra ela, o que não deixa de causar um revés subjetivo e medo. Ao mesmo tempo, surgiu a dificuldade de saber qual itã roteirizar e desenhar, como compor o roteiro, qual seria o público-alvo, que traços desenvolveria, ariscaria e riscaria. Mais ainda, emergiu em seu coração a necessidade de um trabalho coletivo, de construção coletiva da história com os povos de terreiro. Foi com tudo isso que iniciou seu mestrado em Artes Visuais na UFPel.

Por outro lado, contribuiu para esse medo o fato de que eu ministrei, como mencionado, no segundo semestre de 2019, a convite da coordenação do curso de PPC, a unidade curricular Escrita Criativa I, com ênfase em HQs. Desenvolvida em meio a uma

greve dos estudantes, a disciplina basicamente consistiu, no primeiro momento, em dar técnicas de desenho artístico: exercícios de coordenação motora, o desenho de figuras em linhas gerais, sombreado, tracejado e pontilhado, e perspectiva. Num segundo momento, estudamos a composição do *storyboard*. E, enquanto cada qual desenvolvia seu próprio fanzine, passamos a discutir a literatura especializada sobre a história das histórias em quadrinhos. A greve certamente atrapalhou o planejamento, mas cada qual desenvolveu criticamente seus traços e histórias. Após essas aulas de técnicas de desenho, Karina ficou mais inibida e ávida para descobrir mais técnicas de desenho e de composição da perspectiva.

Ao mesmo tempo, eu mesmo aprendia com eles, elas e elus a me soltar mais e a me aventurar e a riscar outros traços. Em nossas aulas, muitas ao ar livre, para onde corríamos para fugir do frio do interior da sala de aula e pegar um sol matinal (figuras 6 e 7), procurei desenhar alguns estudantes enquanto falavam e apresentavam alguma leitura (figuras 8 a 13). Isso porque eles, durante a produção de suas zines, deram a ideia de montar uma exposição com os resultados do processo. Produzi os desenhos a fim de participar mais ativamente e dar também um retorno. Porém, como dito, a greve alterou nosso calendário acadêmico e o nosso programa e a exposição não saiu.

Figura 6: Registro fotográfico de uma aula de Escrita Criativa.



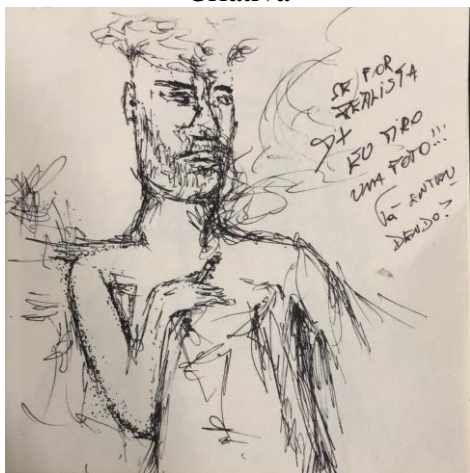
Fonte: autoral

Figura 7: Registro fotográfico de uma aula de Escrita Criativa



Fonte: autoral

Figura 8: Desenho de discente de Escrita Criativa



Fonte: autoral

Figura 9: Desenho de discente de Escrita Criativa



Fonte: autoral

Figura 10: Desenho de discente de Escrita Criativa



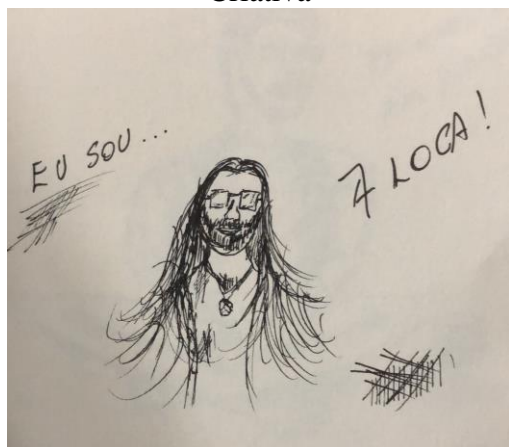
Fonte: autoral

Figura 11: Desenho de discente de Escrita Criativa



Fonte: autoral

Figura 12: Desenho de discente de Escrita Criativa



Fonte: autoral

Figura 13: Desenho de Karina do professor de Escrita Criativa



Fonte: autoral

Os fanzines produzidos por cada um foram devolvidos. Por isso, não reproduzo senão a figura 14. Esta figura é particularmente importante de ser destacada porque foi realizada pelo discente Daniel Abib Castanho Leal, mais conhecido como Niel Nié, um fotógrafo. Ele havia me procurado nessa época para orientá-lo em seu TCC, que consistiria na produção de uma *ocupação artística*. Esta figura mostra parte de seu processo de elaboração da ocupação, que com o tempo foi se concretizando. Destacadamente, ela ocorreu na Enfermaria Militar da cidade (ver figuras 15 e seguintes).

A ideia nasceu quando ele visitou com um amigo uma casa queimada, nas redondezas de sua casa. Conta que enquanto andavam por ela, repleta de lixo, apareceu de repente uma garotinha que lhes perguntou o que faziam lá. Niel contou-lhe que desejavam fazer uma ocupação. Ela retrucou perguntando o que era isso. Ele respondeu perguntando se ela desenhava e a guria saiu correndo e trouxe vários de seus desenhos. Niel então explicou que uma o-cu-p-ação consiste justamente em expor, no caso ali, os desenhos dela, deles e de várias outras pessoas da comunidade. O resultado fotográfico dessa conversa está registrado no álbum *Casa Queimada*, no flickr.com, cujo endereço eletrônico é: https://www.flickr.com/photos/niel_nie/albums/72157718034831042.

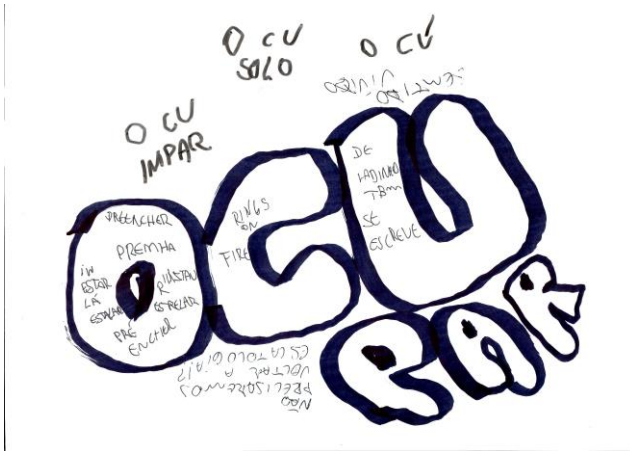
A ocupação da casa queimada não aconteceu efetivamente, mas a da Enfermaria Militar sim. Ela aconteceu mesmo que timidamente em meio à pandemia. A Enfermaria é um edifício abandonado, localizado no ponto mais alto de Jaguarão. Hoje, de posse da Unipampa, seria reformada para dar lugar ao Centro de Interpretação do Pampa ou Museu do Pampa. Construção com um passado glorioso, foi desativada no começo do 1900 e foi amplamente saqueada pela população local. Até a Unipampa surgir e ela se tornar território da União, o local era ocupado dia e noite por todos da cidade, principalmente do Cerro, que iam ali para conversar, beber, fumar, ver o pôr do sol e até mesmo transar. Todas as pessoas da cidade têm alguma história picante para contar do lugar. O objetivo do Niel era abrir os portões da Enfermaria para expor as diversas produções dos artistas e arteiros da cidade, ocupando-a.

Os registros da ocupação até então levadas a cabo estão no álbum *Janelas Cerradas – Ocupação Artística, Intervenção Artística*, também no flickr.com: https://www.flickr.com/photos/niel_nie/albums/72157717398334607.

Logo abaixo estão algumas poucas imagens dela e de sua repercussão no Facebook (figura 17):

Figura 14: Desenho do desenho de Niel Nié, realizado como parte do trabalho final de Escrita Criativa

Figura 15: Registro fotográfico da ocupação na Enfermaria Militar



Fonte: autoral



Fonte: autoral

Figura 16: Registro fotográfico da ocupação na Enfermaria Militar



Fonte: autoral

Figura 17: Reprodução e *print* da repercussão da ocupação na Enfermaria Militar



Fonte: autoral

3.

Quando se escrevem memórias conjura-se esquecimentos. Igor me ensinou que a guerra é feita pelos *rappers* contra a necropolítica, o que me levou a apreciar a potência desse movimento que até então apenas distante respeitava. Ensinou-me escutar com atenção a guerra de letras entre negros e brancos, e algumas explosões de corpos em poesias. Karina, por sua vez, pegou uma intuição e a transformou numa tese. Se o desenho é uma passagem originária à escrita, o recalçamento do desenho provocado para dar lugar à escrita é um ato violento e epistêmico, contra o qual temos de nos posicionar. Niel põe estripulias a nu ocupando a Enfermaria. A experiência na Escrita Criativa mostrou que o PPC deve ser o lugar para se fazer política, artes e arteiros nos tons de pedagogias das e nas encruzilhadas. A ocupação é isto, transgressão e provocação das fronteiras então estabelecidas.

Essas experiências mostram que ‘produção’ e ‘política’ culturais são urgentes neste país, dominado por um conjunto de imagens, traço e discurso hegemônicos. É preciso fomentar a produção de produtores, e não só de reprodutores. Dar-lhes lugar, para que de traço-a-traço – ponto-a-ponto – risquem, arrisquem, disputam, discutam e instaurem suas próprias subjetividades. Então, o próximo passo do PPC é fazer artes com seus arteiros, ousar, transgredir e encruzilhar.

Com este tom, arrisco um ponto, terminando citando o começo do texto de Vinícius da Silva, *Barricadas para o fim do mundo – sete estratégias para uma prática do futuro e uma política do porvir*; publicado no último número da Serrote. A leitura dispensa ilações:

PRELÚDIO: PARTIR DO CHÃO QUE PISAMOS

Estamos vivas. Isso é um fato, uma constatação. Estamos vivas porque nossas ações são barricadas e porque não vamos morrer agora, mesmo que tenhamos morrido a cada dia e cada vez mais. Estar viva no Brasil é, portanto, um grande feito. E somos grandes, temos sido gigantes e imensas, tudo e nada, o chão e o ar que dissolve nossa pele. Para anunciar o fim do mundo, precisamos estar vivas, com os pés fincados no chão que nos deu à luz para finalmente proclamar: somos muitas e viemos roubar os sonhos de quem não nos deixa sonhar. (SILVA, 2021, p. 22).

Referências

BRANCO, E. *Pedro Américo – Estudo para Libertação dos Escravos, 1889*. Fotografia, color., tirada em 23 de junho de 2012. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/brutamonte/7454142144/in/photostream/>. Acesso: 15 mai.2015.

BRISOLLA, K. C. *O desenho do corpo, o corpo que desenha: traçando um devir entre os quadrinhos brasileiros e a educação*. 2020. 66 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Política e Produção Cultural) – Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2020.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Trad. Maria Ermantina Galvão. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.

FOUCAULT, M. *Genealogía del racismo*. Trad. Alfredo Tzveibel. La Plata: Editorial Altamira, 1996.

FREIRE, P. Primeira carta. Ensinar – aprender. Leitura do mundo – leitura da palavra. In: *Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar*. 30º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LUYTEN, S. M. B. *O que é história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, A. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, n. 32, dez.2016. Trad. Renata Santini. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso: 06 fev. 2022.

PINCERATI, W. D. *Dois contra Um: anúncio da guerra na Libertação dos Escravos*. *Letra Magna.com*, n. 26, 2020. Disponível em: http://www.letramagna.com/artigos_26/texto_09_26.pdf. Acesso: 06 fev.2022.

POLATSCHEK, I. *Hip hop versus necropolítica*. 2019. 35 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Política e Produção Cultural) – Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2019.

RUFINO, L. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SETUBAL, F. M. R.; REBOUÇAS, M. L. M. Quadrinhos e educação: uma relação complexa. *Rev. Bras. de Hist. Educ.*, v.15, n.1 (37), p.301-334, jan./abr.2015. Disponível em: <http://ojs.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38918>. Acesso: 01 out.2020.

SILVA, V. Barricadas para o fim do mundo. Sete estratégias para uma prática do futuro e uma política do porvir. *Serrote*, n. 39, nov.2021, pp. 21-33.

SILVA, L., BRISOLLA, K. C. *A vitória demora mas vem – entre cores, amores, ruas e mandingas*. Jaguarão: Jijoca de Jurujeba Editora, 2018.

Memorias del PPC: Entre letras, dibujos y escritos

Resumen

En este texto, presento mis memorias de mi paso por el curso de Política y Producción Cultural de la UNIPAMPA Campus Jaguarón, de 2018 a 2020. En el primer momento, contextualizo mi inserción en el curso; en el segundo momento, cuento como se desarrollaron los trabajos más significativos realizados con un rapero, con una diseñadora y con un fotógrafo. Cierro el texto, en el tercer momento, sugiriendo la introducción de más arte en el curso. Estas memorias sirven a la reflexión desde una posición exterior sobre su especificidad, sus potencialidades y los posibles avances en el curso.

Palabras-clave: PPC; Racismo; Hip Hop; Historieta; Ocupación.

Mémoires du PPC: Entre lettres, dessins et écrits

Résumé

Dans ce texte, je présente les souvenirs de mon passage dans le cours de Politique et Production Culturelle à UNIPAMPA Campus Jaguarão, de 2018 à 2020. Dans un premier moment, je contextualise mon insertion dans ce cours. Dans un second moment, je raconte les travaux significatifs réalisés avec un rappeur, une dessinatrice et avec un photographe; et je termine le texte, au troisième moment, en suggérant l'introduction de plus d'art dans le cours. Les mémoires apportent une réflexion depuis l'extérieur sur la spécificité, les potentialités et les avances possibles au cours.

Mots-clés: PPC ; Racisme; Hip Hop; Bande Dessinée; Occupation.

PPC's Memories: Between letters, drawings and writings

Abstract

In this text, I present memories of my passage through the course of Politics and Cultural Production at UNIPAMPA Campus Jaguarão, from 2018 to 2020. In the first moment, I talk about my insertion into the course. In second moment, I tell the significant works carried out with a rapper, a designer, and a photographer. I close the text, in third time, suggesting the introduction of more art in the course. The memories serve to reflect from an outside position about the specificity, potentialities, and possible advances for the course.

Keywords: PPC; Racism; Hip Hop; Comic; Occupation.